

(Des)continuidades no padrão demográfico do fluxo São Paulo/Bahia no período de 1970/1991: qual o efeito da crise?*

José Marcos Pinto da Cunha**

Introdução

"Rapaz, essa cidade me apavora". Essas são as declarações do Sr. Adalberto Conceição da Silva, baiano de Itabuna, em reportagem sobre a migração nordestina para São Paulo ("O Estado de São Paulo", 07/06/98). Não obstante essa opinião, o Sr. Adalberto vem para a cidade da qual tem tanto "pavor", pela terceira vez, decidido a juntar dinheiro e novamente retornar para sua terra.

Nesse pequeno trecho jornalístico se esconde uma realidade bastante presente na vida de milhares de nordestinos. Trabalho e/ou dinheiro somente no "Sudeste", mesmo que isso tenha seus (e certamente não pequenos) custos. E é bem provável que essa mentalidade ajude a entender por que a migração nordestina ao longo de várias décadas teria se mantido em níveis elevados no Estado de São Paulo.

Da mesma forma, a reportagem mencionada permite deduzir motivos que levam aos indivíduos retornarem às suas casas: "pavor", saudades, raízes, etc., são certamente elementos que contam no momento da decisão. Contudo, não há como negar que fatores estruturais como a falta de emprego, precarização das relações de trabalho, subemprego, déficit habitacional, pobreza, entre outros, seriam os

que, ao fim e ao cabo, acabariam por desestimular a permanência dos migrantes nos grande centros.

Em São Paulo, os anos 80, a despeito do pequeno período de bonança em 1984/1986, foi certamente marcado pelo acirramento desses problemas. Por essa razão é lícito supor que essa década deva ter implicado uma diminuição do poder desse estado de assimilar seus migrantes e, portanto, assistido a um crescimento da instabilidade desses últimos em termos de suas permanências.

Assim, o presente trabalho trata de investigar algumas das conseqüências na migração das transformações e, sobretudo, crise pelas quais passou a economia paulista nos anos 80. Por tudo o que significou a chamada "década perdida" - ou "pior do que perdida" como denominada por Lopes e Gottschalk (1990) - para o País e, particularmente, para São Paulo pode-se pensar que, nesse período, deve ter havido uma diminuição significativa do poder de retenção dos migrantes em comparação com a década anterior.

Evidências empíricas mostrando uma manutenção dos fluxos migratórios provenientes do Nordeste em direção a São Paulo e um aumento, sem precedentes, da migração de retorno para aquela região, fazem refletir

* Este estudo faz parte das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto: Mobilidade e Redistribuição Espacial da População no Estado de São Paulo: Características Recentes, Padrões e Impactos no Processo de Urbanização, financiado pelo CNPq. Palavras-Chave: migração interna, migração de retorno, seletividade migratória.

** Demógrafo, Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Coordenador Associado do Núcleo de Estudos de População - NEPO, ambos da UNICAMP.

sobre o significado desses fenômenos, sobretudo, porque sugerem um aumento do ir e vir de nordestinos, sem, contudo, deixar claro se se tratavam das mesmas pessoas, de apenas uma sucessão de coortes migratórias, ou de uma combinação das duas possibilidades.

Que nome dar a esse "ir e vir" cada vez mais intenso entre o Estado de São Paulo e o Nordeste? Por falta de um termo mais adequado optou-se por chamá-lo de circularidade¹, sendo que, entre outras, dessa discussão trata o presente trabalho. Assim, entender o caráter dessa circularidade é uma questão relevante na medida em que permitiria conhecer melhor o processo migratório envolvendo o Estado de São Paulo e o Nordeste, e o impacto das transformações socioeconômicas ocorridas no fenômeno.

Quais seriam os efeitos desse aumento da circulação entre São Paulo e Nordeste sobre as características da migração em termos do seu perfil quanto ao tempo de residência e idade dos migrantes? Em que medida se pode dizer que a crise dos anos 80 pode ter incrementado ou acentuado o caráter de temporalidade aos movimentos direcionados a São Paulo? Essa e outras questões serão também motivo de discussão.

Para esse estudo, decidiu-se trabalhar apenas os fluxos envolvendo o Estado de São Paulo e da Bahia (em ambos os sentidos) de forma a simplificar a análise. Na verdade, como principal área de emissão de migrantes para São Paulo, a Bahia poderia ser tomada como um grande laboratório para se conhecer o processo emigratório do Nordeste para o Sudeste, muito embora deva-se reconhecer que aquela região é heterogênea e que a Bahia se destaca com relação aos demais estados no que tange ao nível de desenvolvimento

econômico e, portanto, das oportunidades oferecidas à sua população. Contudo, esse fluxo representa, sem dúvida, uma grande parte daquilo que simplificada-se conhece com a migração nordestina e, por esse motivo, seu estudo certamente poderá esclarecer muitas questões da problemática mais geral, entre elas, a aqui considerada.

Uma vez que as fontes de dados utilizadas são os Censos Demográficos 1980 e 1991, investigar uma questão complexa como a aqui proposta não é uma tarefa das mais fáceis, tendo em vista as limitações próprias das informações. De qualquer forma, acredita-se que o presente estudo representa uma contribuição no sentido de lançar luzes a essa discussão. Qual o significado da circularidade sugerida pelos dados censitários? Disso se ocupará o presente trabalho, no que se espera ter algum sucesso.

Questões metodológicas: interrogantes e estratégias de análise

A configuração do problema

Em trabalho anterior (Cunha, 1997) mostrou-se que o Estado de São Paulo nos anos 80 experimentou, ao mesmo tempo, uma importante diminuição da imigração interestadual e um grande aumento da emigração que atingiu a casa dos mais de 1,5 milhão de indivíduos.

No que tange à imigração pôde-se demonstrar que o arrefecimento observado deveu-se, sobretudo, à redução dos volumes dos fluxos originados em Minas Gerais e Paraná, o mesmo não ocorrendo com os movimentos migratórios provenientes do Nordeste brasileiro.

¹ Deve-se reconhecer que esse termo, ainda que pouco satisfatório, foi cunhado e vem sendo discutido e usado pelos pesquisadores de migração do NEPO. "Circularidade" aqui poderia referir-se tanto aos indivíduos quanto ao fluxo. Em outros termos, poderia ser um processo de ir e vir engrossado cada vez mais pelas mesmas pessoas (migrantes) ou, simplesmente, um atributo do fluxo migratório considerado de maneira genérica. Ao longo do trabalho poder-se-á mostrar que as evidências apontam mais para segunda alternativa.

Assim, dos dados apresentados, entre eles os da tabela abaixo, pôde-se constatar que enquanto a redução da imigração foi mais de 49% e 32% no caso do Paraná e Minas Gerais, respectivamente, para os nordestinos essa diminuição atingiu apenas 1,6% (Cunha, 1997, p. 77).

Assim, pelo menos no que tange à imigração de nordestinos para o Estado de São Paulo, esta continuou e ainda continua em níveis bastante elevados, fato este confirmado pelos dados da PNAD 1995 (Tabela 1, período de 1991/1995) e da Contagem da População 1996, que apontam para o quinquênio 1991/1996 volumes de imigração do Nordeste bem próximos aos do período de 1986/1991.

Além desse fato, chamou também a atenção o crescimento sem precedentes da emigração com destino ao Nordeste, sendo mais de 50% composta por migrantes de retorno (Pacheco et al., 1998) que, juntamente com seus respectivos filhos e cônjuges, poderiam somar um percentual ainda maior, como mostram as estimativas de Ribeiro (1997, p. 121) para o total da migração recebida pelo Nordeste na década de 80 (cerca de 65%).

Como interpretar tais mudanças? Considerando que os dados sugerem um aumento significativo da circularidade nos fluxos entre Nordeste e São Paulo, qual seria o caráter desse fenômeno? Estaria havendo realmente, nos anos 80, um ir e vir mais intenso das mesmas pessoas, configurando, portanto, uma maior circularidade dos migrantes, ou essa emigração mais intensa estaria apenas refletindo um crescimento das saídas de nordestinos de São Paulo sem um aumento correspondente na intensidade de reemigrações para o estado? Seriam, pois, predominantemente novas coortes migratórias as que continuariam engrossando a emigração para o território paulista?

Com base no estudo dos fluxos envolvendo São Paulo e Bahia, algumas questões poderiam ser levantadas sobre a modificação do comportamento da migração, tendo em vista que, em razão das grandes transformações ocorridas no País e, em particular, no primeiro estado, entre as décadas de 70 e 80, deve ter havido uma significativa diminuição do grau de estabilidade do migrante que deixa o Nordeste em busca de melhores dias no Sudeste.

Tabela 1 - Volume e taxa média anual de imigração interestadual, segundo a região de residência anterior - Estado de São Paulo - períodos de 1970/1980, 1981/1991 e 1991/1995

Região de residência anterior	1970/1980		1981/1991		1991/1995	
	Volume	Taxa (%)	Volume	Taxa (%)	Volume	Taxa (%)
Total	3 054 081	1,42	2 347 351	0,82	1 039 577	0,64
Nordeste	1 255 890	0,59	1 235 795	0,43	558 301	0,34
Paraná	720 274	0,34	365 003	0,12	164 641	0,10
Minas Gerais	598 684	0,28	405 843	0,14	165 593	0,10
Norte	21 818	0,01	(1) 39 099	0,01	(1) 21 281	0,01
Rio de Janeiro/Espírito Santo	131 922	0,06	116 240	0,04	47 295	0,03
Centro-Oeste	143 925	0,07	(1) 102 235	0,03	(1) 47 533	0,05
Sul (2)	49 735	0,02	41 708	0,01	21 058	0,01
Outros (3)	131 833	0,06	41 428	0,01	13 875	0,00

Fonte: Cunha, J. M. P. População e mobilidade espacial: características e transformações dos fluxos migratórios nas regiões paulistas. In: Patama, N. L. et al. Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1997.

Nota: Para a década de 90, optou-se pelo uso dos dados da PNAD em detrimento dos da Contagem da População 1996, tendo em vista manter a mesma definição da migração nos três períodos.

(1) Para efeito de comparabilidade com o período de 1970/1980, Tocantins foi incluído na Região Centro-Oeste que contém Goiás, da qual a primeira UF foi desmembrada. (2) Inclui "Brasil sem especificação" e "país estrangeiro". (3) Exclusivo o Paraná.

Além disso, pode-se dizer que, no que tange especificamente à Bahia, a despeito dos avanços do estado em termos do desenvolvimento econômico, possibilitados pelo crescimento da área Metropolitana de Salvador, pelo pólo petroquímico de Camaçari, pelas áreas de agricultura irrigadas do complexo agroindustrial de Juazeiro e, até mesmo, pelo despontar do cerrado baiano com área de expansão da fronteira agrícola (Pacheco, 1998), é difícil pensar que tais condições tivessem sido capazes de garantir uma modificação significativa em sua capacidade de absorção (e, portanto, fixação) e, até mesmo, de atração de população (que poderia explicar o retorno²). Aliás, tal crença pode ser alicerçada nos dados que mostram a continuidade de elevados volumes de emigração desse estado nas décadas de 80 e 90.

Mas a quem preferencialmente atingiu essa crise? Qual teria sido o impacto da aceleração da migração de retorno no perfil etário dos migrantes? Seria correto pensar que a precarização das condições de fixação desses indivíduos em São Paulo teria implicado um retorno mais rápido dos migrantes recém-chegados? Ou tal situação afetou também aqueles com maior tempo de residência no estado, fazendo-os engrossar o fluxo de retorno? Nesse caso, estar-se-ia diante de uma generalização do fenômeno para todas as coortes de migrantes?

Questões também poderiam ser levantadas sobre a migração da Bahia para São Paulo. A situação estaria favorecendo um aumento das migrações repetidas como as do Sr. Adalberto? Seriam essas reemigrações suficientemente intensas para justificar uma mudança do perfil etário da migração? Ou, ao contrário, o perfil da migração de baianos para São Paulo pouco teria se alterado dado que grande parte desses movimentos seria composta de indivíduos com pouca ou nenhuma experiência migratória prévia?

Caminhos metodológicos

Tem-se consciência que o Censo Demográfico não seria a melhor fonte para se estudar questões que se referem a processos, uma vez que se trata de um instrumento que reflete predominantemente as condições do momento da entrevista. Mais que isso, no caso da migração, o censo não permite conhecer a história migratória do indivíduo e, portanto, recuperar informações relevantes sobre locais de passagem, tempo de permanência, características anteriores, etc.

Por isso, o presente trabalho representa apenas uma análise exploratória que, se supõe, pode lançar luzes para algumas das questões levantadas. Tem-se clareza de que grande parte do discutido nesse texto carece de comprovação empírica mais direta, muitas das quais, talvez, apenas um estudo prospectivo de uma coorte de migrantes poderia responder. Contudo, acredita-se que muitas pistas poderão ser encontradas no sentido de responder às inquietações que geraram esse trabalho.

Optou-se nesse estudo por avaliar as informações dos fluxos São Paulo→Bahia e Bahia→São Paulo sobre tempo de residência e idade que, a princípio, poderiam ser consideradas variáveis adequadas para se estudar questões relativas ao caráter permanente ou temporário dos movimentos. Além disso, visando a eliminar ao máximo elementos perturbadores da análise, decidiu-se estudar essas correntes migratórias apenas considerando os baianos em ambos os sentidos³.

Dessa forma, a estratégia de análise adotada estruturou-se nas informações sobre migrantes baianos classificados por tempo de residência no destino e idade no momento da migração. No primeiro caso, a informação poderia indicar modificações nos *timings* dos movimentos populacionais na

² É evidente que o desenvolvimento do Estado da Bahia nas últimas décadas, sobretudo de algumas áreas, deve ter motivado parte desse retorno, contudo, não se acredita ser tão importante como a redução das oportunidades de fixação em São Paulo.

³ Entre os elementos perturbadores estão os filhos de migrantes, porém naturais das áreas de origem. Uma vez que, como mostra Ribeiro (1997), os efeitos indiretos da migração podem ser importantes, a avaliação, por exemplo, de uma estrutura etária do fluxo São Paulo→Bahia estaria certamente alterada por essas crianças, o que traria problemas para confrontar quem entra e quem sai do Estado de São Paulo.

medida em que, ao considerar um período de migração relativamente longo (por exemplo, 10 anos), a distribuição segundo tempo de permanência tenderia a ser mais concentrada nas menores durações, quanto mais intensas fossem as reemigrações. Aliás, como já assinalava Martine (1984) tal distribuição é bem típica no caso brasileiro⁴. Dessa forma, uma modificação significativa dessa distribuição entre os dois censos poderia constituir algum indício importante para responder às questões aqui levantadas.

A composição por idade dos migrantes, além de extremamente útil para avaliar o grau de seletividade da migração e sua estrutura familiar, também poderia sugerir modificações nos *timings* dos movimentos. Da mesma forma que, por exemplo, um rejuvenescimento de migração de retorno estaria indicando um menor tempo de permanência em São Paulo, um envelhecimento da estrutura etária dos migrantes provenientes da Bahia sugeriria estar havendo um aumento da circularidade das pessoas dentro do fluxo, tendo em vista que a existência de experiências migratórias prévias tenderia a aumentar a idade média dos migrantes.

Assim sendo, e porque a idade fornecida pelo censo está influenciada pelo tempo de residência do indivíduo no lugar onde foi recenseado, optou-se por utilizar para a análise a idade no momento da migração, obtida subtraindo da idade declarada pelo migrante seu tempo de residência. Tendo em vista a necessidade de comparação dos Censos de 1980 e 1991, essa opção implicou a necessidade de

se considerar apenas o subgrupo de migrantes com até 5 anos de residência, ou seja, recorrendo apenas os períodos de migração de 1975/1980 e 1986/1991⁵.

De certa forma tal recorte pode até beneficiar o estudo tendo em vista, por um lado, que abrange dois períodos bem distintos da dinâmica econômica do País - o primeiro ainda se beneficiando do crescimento do começo dos anos 70 e o segundo justamente após o único período de recuperação (1984/1986) da chamada "década perdida" - e, por outro lado, porque considera os migrantes mais recentes e menos sujeitos a efeitos como a mortalidade que, como já se mencionou, é um outro elemento que pode alterar a distribuição da migração por tempo de residência.

É claro que, tendo em vista que a intensidade da crise dos anos 80 foi maior no começo da década⁶, mais precisamente até 1983, seria desejável que os dados também refletissem esse período para que as conclusões fossem melhor respaldadas.

Contudo, se por um lado não se possui uma fonte de dados que tenha coletado informações naquele período⁷, por outro lado, o problema não se resolve com a consideração dos migrantes de então - aqueles com mais de 5 anos de residência registrados em 1991 - uma vez que, por estarem mais afetados pelos riscos de mortalidade e, sobretudo, reemigração, muito provavelmente seriam uma amostra pouco significativa da migração da época, tanto do ponto de vista da área de destino quanto de origem.

⁴ Na verdade, a mortalidade também deveria ser mencionada como causa dessa concentração na medida em que "retira" da população de destino migrantes como maior tempo de residência que, portanto, estiveram mais expostos ao risco de morrer. Contudo, tendo em vista a grande seletividade dos migrantes - a maioria em idades jovens - esse efeito deve ser pequeno frente ao da reemigração.

⁵ O migrante nesse trabalho foi definido como o indivíduo, nascido na Bahia, com até 5 anos de residência no Estado (São Paulo ou Bahia dependendo do fluxo em questão) onde foi recenseado. Utilizou-se apenas as pessoas com até 5 anos de residência uma vez que no Censo Demográfico 1980 a partir dessa duração a informação foi agrupada o que inviabilizaria o cálculo da idade ao momento de migrar. O direção do fluxo, ou seja, onde se originou, foi definida a partir da residência anterior declarada o que implica, certamente, perda de baianos que, embora residissem dentro do tempo especificado no estado, fizeram um movimento dentro dessa mesma Unidade de Federação. Assim as cifras de migrantes aqui apresentadas não são as mais adequadas para os fluxos estudados, sendo que estimativas mais precisas podem ser encontradas em outro estudo (Pacheco et al., 1997).

⁶ Na verdade, há aqueles que consideram (como Lopes; Gottschalk, 1990) que, no final da década de 80, as condições eram quase tão ruins quanto no seu começo, sobretudo, no que se refere à questão da pobreza, desemprego, etc.

⁷ Por exemplo, a existência de dados sobre migração em uma das PNADs desse período poderia ser de grande utilidade.

De qualquer forma, pode-se dizer que, na medida em que esse estudo busca suas respostas a partir da comparação das décadas de 70 e 80, e que, mesmo apresentando momentos de certa recuperação, essa última foi muito distinta da primeira - principalmente em termos da intensidade de geração de empregos (e, portanto, das taxas de desemprego), formas de relações laborais, dinamismo industrial, da construção civil, etc., essas e outras limitações metodológicas, não deveriam comprometer as conclusões desse estudo.

Algumas evidências empíricas

A Tabela 1 apresentada anteriormente mostrou que, nos anos 80, não se verificou uma diminuição significativa da migração nordestina para São Paulo. No caso específico do Estado da Bahia, a situação é ainda mais exemplar. Na verdade, nas duas décadas analisadas, o volume de imigração com origem na Bahia praticamente não se alterou muito,

embora, considerada em sua totalidade, a imigração dos anos 70 tenha sido um pouco mais elevada que nos 80.

Chama a atenção, no entanto, que o volume de imigração de baianos para São Paulo, captada pelos dados referentes àqueles que chegaram ao estado nos 5 anos prévios aos censos (Tabela 2, última coluna) tenha sido maior no período de 1986/1991 (260 mil) que no quinquênio anterior (217 mil).

Ou seja, parece ter ocorrido, inclusive, uma tendência ao incremento desse fluxo a despeito da crise que assolou o estado nos anos 80, e que fez muitos de nós especialistas pensarmos em uma diminuição indiscriminada da imigração para São Paulo. Também os dados mais recentes sobre a questão, derivados da Contagem da População 1996, indicam que a emigração da Bahia para São Paulo apresentou um aumento considerando-se os volumes relativos à informação sobre residência 5 anos antes do censo; assim, enquanto

Tabela 2 - Fluxo migratório entre São Paulo e Bahia, segundo tempo de residência no destino - 1980/1991

Tempo de residência	Fluxo migratório			
	Bahia→São Paulo		Bahia→São Paulo	
	Volume de migrantes	Idade média	Volume de migrantes	Idade média
Censo de 1980				
Total	217 263	20,9	18 302	24,4
Até 1 anos	77 894	21,8	8 606	25,7
2 anos	34 298	20,3	3 515	24,8
3 anos	35 045	20,1	2 660	24,5
4 anos	34 779	19,5	1 859	24,7
5 anos	35 247	19,6	1 662	25,4
Censo de 1991				
Total	260 320	20,9	48 017	27,2
Até 1 anos	94 053	21,6	19 361	27,9
2 anos	52 101	20,6	9 538	27,2
3 anos	47 123	20,2	7 958	27,2
4 anos	38 001	19,6	5 839	28,2
5 anos	29 042	19,6	5 321	27,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

no período de 1986/1991 o volume foi de 248 mil pessoas, no quinquênio seguinte esse valor subiu para 264 mil⁶.

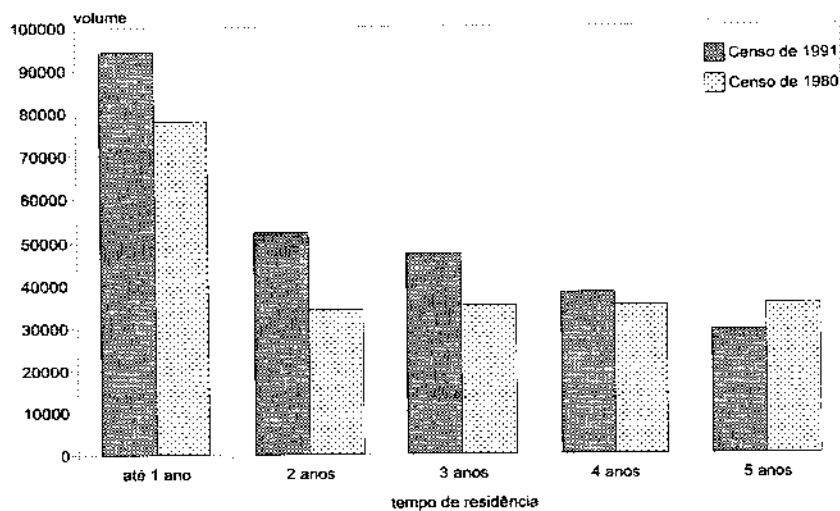
De fato, os dados da Tabela 2 sobre o fluxo São Paulo→Bahia mostram claramente que a migração de retorno de baianos no último quinquênio dos anos 70 foi cerca de 2,6 vezes menor que a do período correspondente nos anos 80. Assim, se no primeiro período, o retorno representava apenas 8,4% da imigração de baianos destinada a São Paulo, no segundo, este percentual passou para 18,4%, ou seja, já nos final dos anos 80, aproximadamente, para cada cinco emigrantes da Bahia chegados a São Paulo, um retornava. Esse incremento do retorno para todo o Nordeste, na verdade, já havia sido mostrado em trabalho desenvolvido por Ribeiro (1997).

Portanto, o incremento do volume de imigração, conjuntamente com retornos crescentes ao longo do período considerado seriam,

na verdade, os fatos que, como já se mencionou, mais motivariam a proposição da existência de um aumento da circularidade da migração entre São Paulo e Bahia ou, de forma mais genérica, entre São Paulo e o Nordeste.

No caso do fluxo Bahia→São Paulo, o Gráfico 1, que apresenta os volumes de imigrantes baianos para os dois períodos considerados, deixa transparecer uma pequena, mas sensível, diferença sobretudo no que se refere aos tempos de duração mais elevados (2 anos ou mais). De fato, enquanto segundo o Censo de 1980, cerca de 15,7% dos imigrantes tinham "2 anos" de residência, esse percentual sobe para 20,1% em 1991; o mesmo passa com aqueles com "3 anos" que subiram para 18,1% contra 16,1% no censo anterior. Há que se notar também a quase estabilidade do volume dos migrantes na duração entre 2 e 5 anos de residência, em 1980, contra uma diminuição progressiva em 1991. Obviamente que, pela intensa

Gráfico 1 - Fluxo Migratório Bahia para São Paulo: volume da imigração de baianos por tempo de residência - Censos de 1980 e 1991



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1980 e 1991.

⁶ Vale notar que esses valores não são estritamente comparáveis com os apresentados na Tabela 2, uma vez que são derivados de outro tipo de informação "residência 5 anos antes do Censo" disponível apenas no Censo de 1991 e Contagem da População 1996. Como já se mencionou, aqui a informação refere-se à "residência anterior" que conceitualmente é distinta da primeira.

mobilidade dos baianos, a categoria "até 1 ano"⁹ registrou grande concentração em ambos os censos.

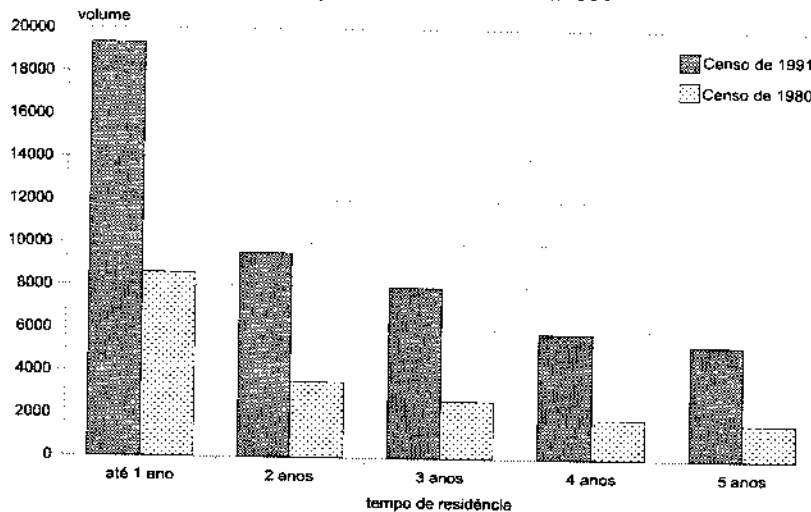
Como interpretar esse resultado? É muito provável que essa diferença esteja apontando para um aumento da intensidade da reemigração em períodos mais curtos de tempo na década de 80, uma vez que, *ceteris paribus* (e isso inclui a desconsideração - por insignificante - do efeito da mortalidade), isso poderia explicar a diminuição progressiva do número de migrantes para tempos de duração maiores e, principalmente, a diferenciação com relação à distribuição observada para a década de 70.

Já no caso da corrente migratória de baianos no sentido inverso, ou seja, São

Paulo→Bahia, os dados mostram uma distribuição semelhante nos dois períodos, sugerindo que, no caso dos retornados, não são claros os indícios de uma maior incidência da reemigração nos anos 80.

Na verdade, o que é importante notar no Gráfico 2 é que, em ambos os censos, o percentual entre os retornados para a duração "até 1 ano" (47,0% em 1980 e 40,3% em 1991) é bem superior aos dos imigrantes do fluxo Bahia→São Paulo (36%, Gráfico 1), fazendo supor que aqueles migrantes teriam uma tendência maior à reemigração uma vez retornados à Bahia. Como não há motivos para pensar que, no final de cada uma das décadas (70 e 80), possa ter havido um aumento

Gráfico 2 - Fluxo Migratório de São Paulo para Bahia: volume da migração de retorno por tempo de residência - 1970/1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

⁹ Aqui vale um registro. Na verdade, os dados censitários sobre tempo de residência são desagregados também para as categorias "menos de 1 ano" e "1 ano", contudo, a observação desses valores sugeriu um fenômeno que na demografia conhecemos como "atração digital". Percebeu-se uma grande coincidência no sentido de que o tempo de residência declarado (determinado pelo ano de chegada do migrante) parecia sobreestimado justamente para os momentos que, comparados ao momento do Censo, coincidiam com os anos terminados em "zero". Ou seja, para o Censo de 1980 registrou-se um número desproporcionalmente maior para a duração "menos de 1 ano" comparavelmente à duração "1 ano", o inverso ocorrendo com o Censo de 1991. Uma vez que não haveriam motivos aparentes para que isso realmente se observasse chegou-se à conclusão que esse fato estaria influenciado por erros na declaração em função de preferência de dígitos. Martine (1984) também sugere que problemas desse tipo ocorram nos censos. Assim, para evitar esse provável problema decidiu-se agrupar as duas categorias em uma "até 1 ano", motivo pelo qual faz crescer demasiadamente sua participação.

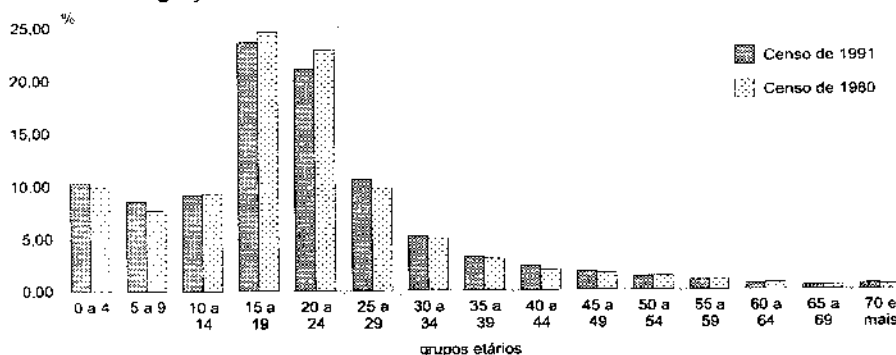
do fluxo de migrantes de retorno, e que, também nesse caso, a mortalidade não afete significativamente por se tratar de um subgrupo populacional predominantemente de adultos, tudo leva a crer que essa maior concentração nos tempos de menor duração reflita, de fato, a maior propensão de reemigrar dos retornados.

Serão, entretanto, essas informações suficientes para assegurar a comprovação da hipótese de maior circularidade dos migrantes? Evidentemente que não, já que as indicações apontam apenas na direção de uma maior

reemigração dos migrantes de retorno, sem que isso signifique necessariamente que essa seria a tendência genérica do total de emigração desencadeada na Bahia com destino a São Paulo. Nesse sentido, procurou-se observar o comportamento da migração, em ambos os sentidos, também segundo a idade, de forma a buscar novas evidências que pudessem sustentar essa discussão.

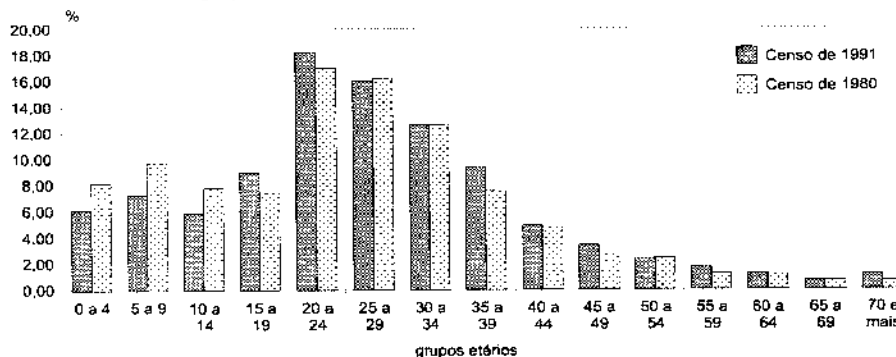
Como se observa nos Gráficos 3 e 4, em termos da idade, os migrantes baianos de ambos os fluxos são facilmente diferenciados,

Gráfico 3 - Fluxo migratório Bahia para São Paulo: distribuição etária no momento da migração dos baianos com até 5 anos de residência - 1970/1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

Gráfico 4 - Fluxo migratório São Paulo para Bahia: distribuição etária no momento da migração dos baianos com até 5 anos de residência - 1970/1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

tendo em vista que os retornados possuíam um perfil etário bem mais envelhecido. Como se não bastasse a observação dos gráficos, os valores calculados da idade média (Tabela 2) são suficientemente claros nesse sentido: enquanto para os migrantes do fluxo Bahia→ São Paulo esta cifra encontrava-se na casa do 20,9 anos, no caso da corrente São Paulo→Bahia este valor atingia os 27 anos.

Essa diferença sugere imediatamente que o migrante "médio"¹⁰ que chegou a São Paulo nas duas décadas analisadas e que seria futuramente um migrante de retorno permaneceu cerca de 6 anos no estado, período que, de certa forma, coincide com o seu "tempo" mais produtivo ou, pensado em termos do ciclo vital do indivíduo (no caso, o início), o tempo onde os riscos ou custos de permanência, ainda que em situação adversa, seriam menores. Portanto, esses dados deixam claro que dificilmente o aumento da emigração de São Paulo para a Bahia seria explicado pela participação predominante dos migrantes com um tempo de permanência cada vez mais curto em terras paulistas.

Dois fatos chamam a atenção ao considerar a idade média dos migrantes baianos que compuseram os dois fluxos. O primeiro deles refere-se à invariabilidade desse valor, entre as décadas, para o fluxo Bahia→São Paulo (20,9 anos), corroborando o resultado observado no Gráfico 3 sobre a pequena alteração da estrutura etária dos migrantes baianos, nos dois períodos, ao chegar a São Paulo. O segundo ponto que merece destaque se refere à significativa diferença entre a idade média dos retornados à Bahia nas duas décadas, sendo maior para a migração de retorno dos anos 80.

Assim, a análise das estruturas etárias dos migrantes de ambos os fluxos mostra que as conclusões retiradas da observação do tem-

po de residência, que davam conta do aumento da intensidade da reemigração, seriam parciais e válidas apenas para uma parte da emigração com destino a São Paulo, ou seja, dos migrantes com experiência prévia no território paulista. Na verdade, esperar-se-ia que, em sendo correta a hipótese da maior circularidade dos migrantes e, portanto, da mais intensa reemigração no fluxo em direção a São Paulo, o perfil da migração deveria ter sido mais envelhecido nos anos 80 que nos 70, em função de que, progressivamente a essa migração, iriam se juntando mais e mais baianos com experiências migratórias progressas. Isso, no entanto, não se observa quer seja a partir da estrutura etária (Gráfico 3), quer seja a partir da idade média.

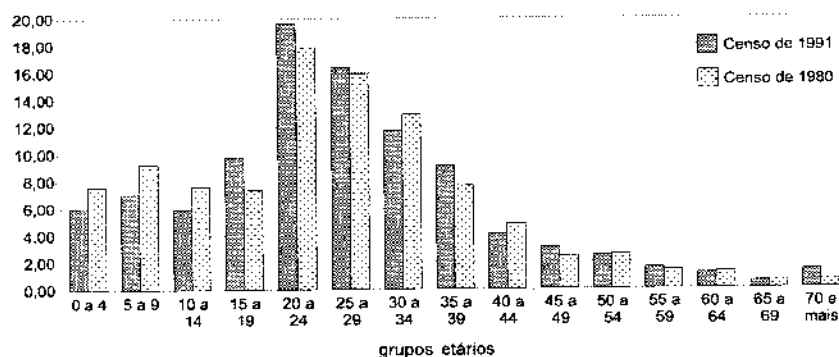
É evidente que o fenômeno da reemigração dos baianos para São Paulo, como aquele relatado no início do trabalho, é um fato demográfico relevante como se observa nos Gráficos 5 e 6 que mostram, para as duas décadas estudadas, a composição etária no momento da migração para os retornados à Bahia com "até 1 ano" e com "5 anos" de residência. Nessas figuras, pode-se notar um claro envelhecimento daqueles que residiam há mais tempo na Bahia.

Assim, assumindo que a distribuição etária no momento de sua chegada seria parecida aos migrantes com "até 1 ano" de residência, pode-se supor que esse envelhecimento relativo seria atribuído à reemigração, já que a mortalidade, também nesse caso, seria pouco importante para explicar tal variação.

Contudo, observando as diferenças dos mesmos dois gráficos para cada um dos períodos analisados, não se encontra elementos para se afirmar que a reemigração tenha sido mais intensa nos anos 80 do que foi na década anterior, haja vista a manutenção das discrepâncias tanto em uma como em outra década.

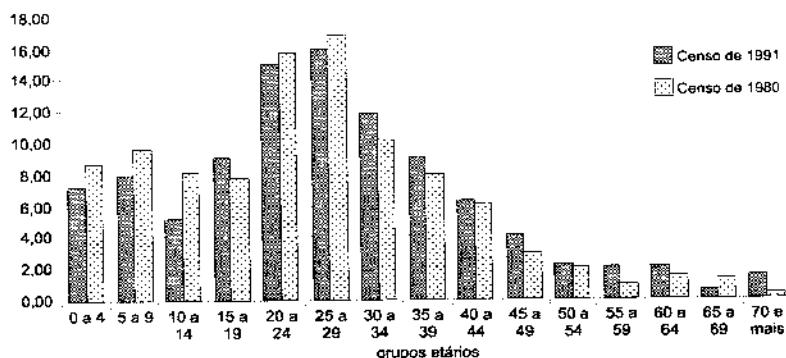
¹⁰ Há que se notar que dado a estrutura etária da migração, a variabilidade não é muito elevada, o que tornam as conclusões a partir da idade média mais consistentes.

Gráfico 5 - Fluxo Migratório São Paulo para Bahia: distribuição etária no momento da migração dos retornados com tempo de residência até 1 ano - Censo de 1980 e 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1990 e 1991.

Gráfico 6 - Fluxo Migratório São Paulo para Bahia: distribuição etária no momento da migração dos retornados com 5 anos de residência - Censo de 1980 e 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

Observando, por outro lado, a distribuição etária da migração de retorno para a Bahia, percebe-se um visível envelhecimento desses migrantes entre as décadas de 70 e 80. Tal comportamento poderia suscitar pelo menos duas interpretações: a primeira que explicaria esse comportamento como resultado da maior circularidade das pessoas e a segunda simplesmente como reflexo de uma incorporação ao fluxo de pessoas com maior tempo de residência no local de destino.

Na verdade, os dados apresentados na Tabela 2 e Gráfico 4 são indicativos da pouca plausibilidade de uma das possibilidades levantadas no começo desse trabalho, ou seja, que estaria havendo uma diminuição do tempo de permanência dos migrantes em São Paulo. Ao contrário, os dados indicam que os migrantes baianos aumentaram essa permanência, considerando como uma estimativa (ainda que imprecisa) dessa residência a diferença entre a idade média ao

chegar (20,9 anos para as duas décadas) e a idade média ao retornar (24,4 anos para a década de 70 e 27,2 para a de 80).

Como se observa no Gráfico 4, esse aumento da idade média do retornado deveu-se à significativa diminuição da importância relativa das crianças menores de 15 anos, fato que, a princípio, poderia ser atribuído à queda da fecundidade, mas que, no entanto, não se justifica tendo em vista que, por um lado, a composição por idade dos imigrantes baianos para São Paulo foi praticamente a mesma nas duas décadas e, por outro, que o perfil etário dos retornados sugere que boa parte deles (basicamente os casais ou mulheres sozinhas) ainda não haviam terminado seu período de reprodução.

É importante salientar que, observando mais atentamente o Gráfico 4, pode-se até mesmo supor que esse envelhecimento da migração de retorno tenha sido causado por uma volta mais intensa de pessoas sozinhas ou de casais sem filhos que, ao contrário do que ocorria nos anos 70, começam a se somar às famílias retornadas ao seu estado de origem, em função do agravamento das condições de absorção no Estado de São Paulo.

Deve-se lembrar que tal resultado é coerente com os dados apresentados por Ribeiro (1997) que mostram que a contribuição indireta¹¹ dos migrantes de retorno (principalmente filhos nascidos no destino) diminuiu significativamente nos anos 80 com relação aos 70.

Tendo em vista que, novamente aqui, é pouco provável que a queda da fecundidade explique essa diminuição¹², esse fato corrobora a hipótese de que, no conjunto da migração de retorno, houve um percentual maior de pessoas solteiras ou simplesmente de casais.

Portanto, é muito difícil afirmar, pelos dados analisados, se esse envelhecimento foi fruto realmente da intensificação da reemigração na década de 80. Na verdade, seria de se esperar que, em se acentuando esse último fenômeno, deveria ocorrer um envelhecimento relativo à emigração desde São Paulo, na medida em que ao fluxo de retorno seriam incorporados cada vez mais pessoas com experiência pregressas de migração e, portanto, mais velhas.

Assim sendo, mesmo não podendo ser definitivo na afirmação, é muito provável que o envelhecimento da migração de retorno para a Bahia seja apenas em parte explicado pelo aumento da intensidade da reemigração de baianos, resultado, aliás, que já havia sido sugerido anteriormente pela observação dos dados sobre tempo de residência dos imigrantes para São Paulo (Gráfico 1).

Dessa forma, pode-se dizer que o aumento e o envelhecimento da migração de retorno dos baianos, nos anos 80, não refletem necessariamente uma modificação dos "padrões" existentes na década passada, no sentido de que o migrante tenha passado a retornar mais rapidamente do que vinha fazendo na década anterior. Ao contrário, os dados sugerem que tenha ocorrido a incorporação de novos segmentos de baianos (possivelmente pessoas mais velhas, solteiras e casais sem filhos) à migração de retorno, parte dos quais pessoas com mais de uma migração para o estado, fato que implicou modificação do perfil etário desse tipo de movimento.

A diferença entre as décadas, portanto, estaria dada mais pelo grau de "permanência" que teria diminuído também para novos subgrupos populacionais de baianos, incluindo

¹¹ O autor define como efeito indireto as pessoas "não-naturais" da UF que, sendo filhos ou cônjuge, em geral, incorporados à vida do migrante no lugar de destino, acabam por acompanhá-lo em seu retorno ao estado natal.

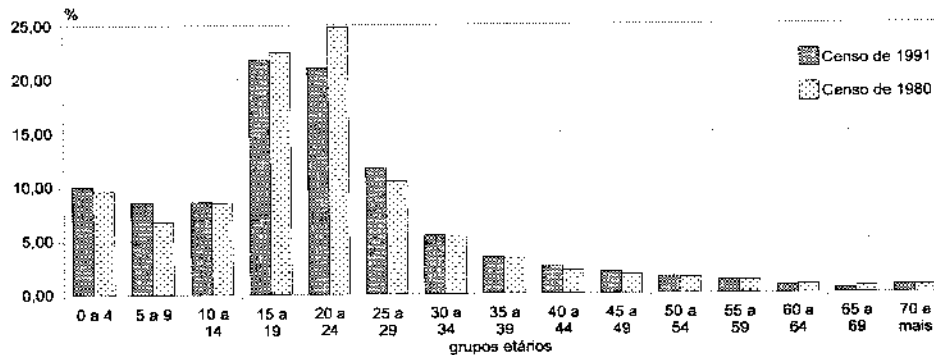
¹² Embora Ribeiro (1997) atribua a diminuição do efeito indireto à queda da fecundidade, acredita-se que esse não tenha sido o condicionante principal, haja vista que a composição etária da migração de retorno, ainda relativamente jovem, sugere que as famílias não teriam atingido o seu tamanho final e, portanto, a queda fecundidade não poderia ter efetivado todo seu impacto nesse subgrupo populacional.

aqueles com maior tempo de residência. Ao que tudo indica, as transformações dos anos 80 tiveram como consequência uma intensificação da migração de retorno, não pelo seu efeito no grau de estabilidade dos recém-chegados que, como se mostrou, tendem a permanecer, em média, seis anos no estado, mas por seu impacto em um conjunto mais amplo de migrantes. Não seriam, então, os recém-chegados necessariamente os maiores "candidatos" a retornarem à Bahia, uma vez que um tempo de "experiência"

seria uma condição para se chegar à decisão de voltar para casa.

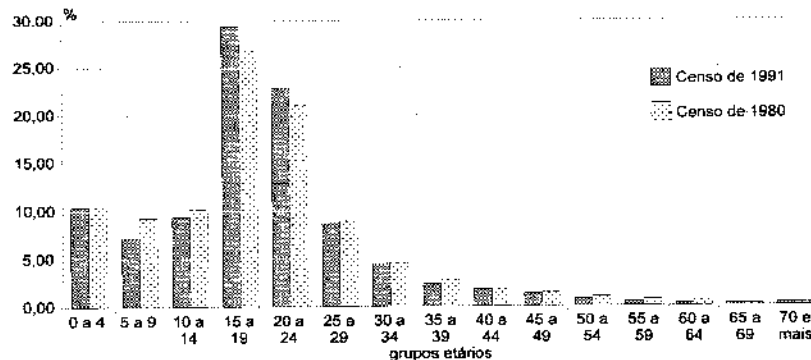
Esse fato fica também evidente quando se analisa a distribuição etária dos imigrantes baianos residente em São Paulo por tempo de residência (Gráficos 7 e 8). Se por um lado, a comparação entre os imigrantes mais recentes e mais antigos corroboram o fato de que a migração de retorno para a Bahia foi mais envelhecida, tendo em vista que a distribuição etária daqueles com maior

Gráfico 7 - Fluxo Migratório Bahia para São Paulo: distribuição etária dos migrantes baianos com até 1 ano de residência Censos de 1980 e 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

Gráfico 8 - Fluxo Migratório Bahia para São Paulo: distribuição etária dos imigrantes baianos com 5 anos de residência no destino. Censo de 1980 e 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980 e 1991.

tempo de residência sofreu um significativo rejuvenescimento quando comparada à dos migrantes mais recentes, por outro lado, percebe-se que esse fenômeno (o rejuvenescimento) tende a se acentuar nos anos 80, mostrando, portanto, que, nesse período, migrantes com mais tempo no estado juntaram-se ao fluxo de retorno.

Nesse sentido, o aumento da circulação aqui poderia ser entendida com um fenômeno decorrente da incapacidade de absorção de um excedente cada vez maior por parte do Estado de São Paulo, o que obrigaria a cada vez mais pessoas deixarem o estado após uma tentativa (fracassada?) de aí permanecerem.

Contudo, certamente não se pode desconsiderar que o desenvolvimento experimentado pelo Estado da Bahia, nos anos 80, se não foi capaz de impedir a continuidade de suas perdas populacionais, pode, ao menos, ter contribuído para motivar e acelerar a decisão de retorno de um conjunto mais amplo de baianos "desencantados" com o "Sudeste maravilha".

Considerações finais

Este trabalho guiou-se pela preocupação de investigar qual teria sido o impacto das grandes transformações econômicas ocorridas na década de 80 no perfil da migração envolvendo o Estado de São Paulo e a Bahia.

Tendo em vista o fato de que a imigração desde a Bahia em direção a São Paulo não sofreu grandes alterações entre as duas décadas analisadas e que, por outro lado, a emigração desse último estado para o primeiro cresceu significativamente, tentou-se buscar pistas para desvendar o caráter desse fenômeno.

Em primeiro lugar, tratava-se de averiguar em que medida esse retorno crescente configurava um fenômeno de menor tempo de permanência dos migrantes no Estado de São Paulo. Nesse caso, ficou claro pelos dados analisados que tal hipótese não se sustentava, haja vista que o padrão etário da migração de retorno não havia sofrido um rejuvenescimen-

to, fato que seria de se esperar, tendo em vista que o menor tempo de permanência deveria implicar redução da idade ao retornar.

Outra questão levantada dizia respeito à relação entre o aumento da migração de retorno e da circulação dos baianos entre o seu estado natal e São Paulo. Na verdade, uma das possibilidades que poderia justificar o aumento dessa crescente emigração para a Bahia seria a maior incidência do "ir e vir" das pessoas, fruto do crescimento do grau de instabilidade das mesmas durante a crise dos anos 80.

As análises nesse sentido não reforçaram tal proposição já que, por exemplo, a observação da imigração de baianos por idade não mostrava um envelhecimento aparente naquele período, fato que seria de se esperar se a incidência de reemigração fosse muito alta. De qualquer forma, as análises sugeriram que esse fenômeno se acentuou na década de 80, tendo em vista não apenas os dados sobre tempo de residência em São Paulo, mas também o efeito que essa reemigração parece ter tido no perfil etário da migração de retorno que, como se mostrou, apresentou um envelhecimento relativo.

Portanto, embora tenham sido encontrados indícios do aumento da reemigração e, portanto, da circularidade dos migrantes, não se encontrou sustentação empírica para se afirmar que tal fenômeno pudesse justificar o importante aumento da migração de retorno.

Desse forma, o que se pôde concluir é que a crise dos anos 80, mesmo tendo contribuído para incentivar um ir e vir mais intenso, não modificou sobremaneira o padrão etário da migração dos fluxos em ambas direções, o que sugeriu que, com a agudização das condições de "sobrevivência" no estado, o retorno tornou-se uma realidade para um grupo muito maior de migrantes, principalmente para aqueles com maior tempo de residência em São Paulo. Além disso, também ficou claro que o retorno não implicaria para muitos, necessariamente, a perspectiva de tornar a imigrar para São Paulo.

Por último, deve-se lembrar que, embora interessante, essa discussão é bastante complexa para ser esclarecida com os dados censitários, tendo em vista que a maior parte

das evidências obtidas foram, na verdade, indiretas. Talvez novas incursões aos dados censitários utilizando, por exemplo, cruzamentos entre os quesitos sobre "residência anterior" e "residência 5 anos antes do censo" que permitiriam reconstituir, sob certas circunstâncias, outros momentos das trajetórias dos migrantes poderiam ajudar na melhor elucidação das questões aqui levantadas. No entanto, os dados aqui analisados foram úteis para sugerir várias interpretações e, principal-

mente, eliminar alguns "mitos" que muitos de nós, incluindo o autor, alimentávamos.

Se não mais se pode falar em circulação de pessoas, é difícil negar que o processo migratório entre São Paulo e Bahia (e certamente com o Nordeste como um todo) assumiu, nos anos 80, um caráter circular. Obviamente que tal consideração é importante tendo em vista reconhecer as conseqüências sociais e demográfica da crise tanto para São Paulo quanto para a Bahia.

Bibliografia

- Cunha, J.M.P. População e mobilidade espacial: características e transformações dos fluxos migratórios nas regiões paulista. In: Patarra, N.L. et alii, **Migração, Condições de Vida e Dinâmica Urbana: São Paulo 1980-1993**. Instituto de Economia, Campinas, 1997.
- Lopes, J.B. e Gottschalk. A . Recessão, Pobreza e Família: a década pior do que perdida. São Paulo em Perspectiva, vol.4, n.1. São Paulo, 1990.
- MARTINE, G., Os Dados Censitários sobre Migrações Internas: Evolução e Utilização. In: ABEP, **Censo, Consensos, Contracensos**, Ouro Preto, 1984, p.183-214.
- Pacheco, C.A. Fragmentação da Nação. Instituto de Economia/ UNICAMP, Campinas, 1998.
- Pacheco, C.A. e Patarra, Movimentos migratórios anos 80: novos padrões? In: Patarra, N.L. et alii, **Migração, Condições de Vida e Dinâmica Urbana: São Paulo 1980-1993**. Instituto de Economia, Campinas, 1997.
- Pacheco et AlII. Dinâmica Demográfica Regional Recente: o caso de São Paulo. In: Encontro Nacional sobre Migração, Curitiba, 1997. Anais....Curitiba:ABEP,1998.
- Ribeiro, J. T.L. Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no Nordeste Brasileiro. Tese de doutoramento, CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte, 1997.